

“Foi entusiasticamente comemorado”¹: As Festividades do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, em União-PI (1932-1963)²

“Celebrations were enthusiastically held”: The Festivities at the Fenelon Castelo Branco School Group in União-PI (1932-1963).

Hortência Almeida Medeiros da Rocha³

Jane Bezerra de Sousa⁴

RESUMO: O presente artigo traz reflexões sobre as festividades do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco entre os anos de 1932 a 1963. O trabalho utiliza-se de autores como Cândido (2019); Bencostta (2006); Melo (2009); Souza (2004); Nora (1993). O objetivo do artigo é compreender os significados e interesses por trás das festividades, e para isso a metodologia adotada foi a pesquisa documental. A presente pesquisa constatou uma frequência significativa de festividades escolares na instituição, o que demonstra como as festividades do grupo escolar foram instrumentos para o fortalecimento da memória nacional e disseminação de ideais republicanos e patrióticos.

PALAVRAS-CHAVES: Grupo Escolar; Festas Escolares; História da Educação; Memória cívica; Ideais republicanos.

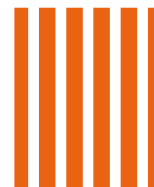
ABSTRACT: This paper reflected on the Fenelon Castelo Branco School Group's festivities from 1932 to 1963. Authors such as Cândido (2019), Bencostta (2006), Melo (2009), Souza (2004), and Nora (1993) have contributed to our understanding of school celebrations. Through documentary research, the investigation found a high frequency of numerous school events at the Fenelon

¹ A expressão “Foi entusiasticamente comemorado” é um trecho da descrição de uma festividade escolar do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, registrado no dia 10/11/1942 no Livro de Registro Geral do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco (1932-1964).

² Este trabalho faz parte da dissertação em andamento intitulada “História e memória do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco” (1928- 1971).

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. hortenciaamrocha@gmail.com. *Orvid:* <https://orcid.org/0009-0007-6397-7723>

⁴ Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Piauí –UFPI/ DEFE/ PPGED. E-mail: jane_bezerrasousa@yahoo.com.br. *Orvid:* <https://orcid.org/0000-0002-5356-899X>



Revista Interdisciplinar

Castelo Branco Group, demonstrating how the school group festivities served as educational centers for strengthening national memory and dissemination of republican and patriotic ideas.

KEYWORDS: School Group; School Festivities; History of Education; Civic Memory; Republican Ideals.

1- INTRODUÇÃO

No presente artigo, a princípio, partimos da questão norteadora: Quais os significados e funções das festividades realizadas no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco de 1932 a 1963? Dessa maneira, a pesquisa foi dividida em três partes centrais, primeiramente expondo como se deu a criação dos grupos escolares no Brasil e no estado do Piauí, e qual a função destes grupos como instrumento para educar a criança e a sociedade nos moldes patrióticos e republicanos. No segundo momento, foi discutido, conforme Melo (2009), o tempo escolar, as disciplinas escolares e as festas cívicas como elementos que constituíram a memória cívica piauiense desse período; ademais, autores como Nora (1993) nos ajudaram a entender melhor a escola como “lugar de memória”. Na terceira parte é apresentado e discutido os momentos de solenidades e festas que aconteceram no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, no decorrer do ano de 1932 a 1963, seguindo a divisão proposta por Cândido (2019), baseado nesta autora buscou-se responder quais os significados e funções destas festas no cotidiano escolar e no ensino das crianças do Grupo, conforme os interesses da época.

No tocante à metodologia adotada, foram feitas pesquisas bibliográficas nas quais se buscou obras nacionais e regionais da literatura da temática e, ademais, por se tratar de uma pesquisa documental, foram consultadas fontes documentais e oficiais, em especial o Livro de Registro Geral do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco. Estas fontes analisadas contêm registros de atividades escolares desenvolvidas no período de 1932 a 1964, entretanto, as festividades e momentos solenes só são mencionadas do ano de 1932 ao ano de 1963, o que justifica o recorte temporal adotado por esta pesquisa. A análise desses registros ocorreu após um estudo na literatura do tema, seguido de uma categorização das festividades escolares, divididas em: – festas cívicas,

Revista Interdisciplinar

festas que comemoram a instituição, festas da natureza e homenagens, conforme Candido (2019), as quais foram consideradas sob a luz da História Cultural.

2- OS GRUPOS ESCOLARES NO BRASIL E PIAUÍ

Os grupos escolares surgiram no Brasil como um modelo escolar que respondia aos pedidos e buscas por uma educação brasileira mais eficiente e moderna. Surgiram em São Paulo, no final do século XIX, e posteriormente nas primeiras décadas do século XX se expandiram por todo o país, onde foram implantados regados de discursos modernistas e reformistas. Os modelos escolares que o antecederam, e que ainda existiram concomitante ao grupo escolar, como as escolas reunidas e escolas isoladas, foram consideradas ultrapassadas, como Rosa Fátima de Souza (2004) enfatiza:

[...]Nesse processo, a construção de uma representação exaltadora das vantagens dos grupos escolares, considerando-os escolas modelares, ocorreu sobre uma representação negativa das escolas isoladas e escolas reunidas. As primeiras como representantes do passado e as segundas como uma modalidade transitória, ambas mediócras e fadadas ao desaparecimento (Souza, 2004, p. 113-114).

No Piauí, segundo Lopes (2001), os grupos escolares foram inicialmente propostos em 1905 e criados legalmente pela reforma de 1910, com o intuito de modernizar o sistema escolar piauiense e melhor fiscalizá-lo, como explica:

Os principais objetivos da reestruturação da rede escolar primária, iniciada com as escolas da capital, e por muito tempo limitada a estas, era, ao tempo em que modernizava a escola, fiscalizar de modo mais eficaz o trabalho pedagógico da escola e transformá-la em “repartição pública de verdade”. A higienização do espaço também estaria mais facilitada no modelo agrupado de escolas. O grupo escolar era, pois, a forma ideal para realizar tais objetivos, acabando com o modelo casa-escola e com as ambiguidades e dificuldades de controle inerentes a este modelo (Lopes, 2001, p.106).

Entretanto, assim como a maioria das reformas educacionais brasileiras, a implantação dos grupos escolares não foi imediata. Ainda havia a forte presença das escolas isoladas e escolas reunidas, que aos olhos dos governantes e da classe empresarial piauiense eram modelos que deviam ser ultrapassados, cedendo lugar ao protagonismo dos grupos escolares. Conforme Lopes (2001), em 1922 foi implantado na cidade de Parnaíba o primeiro grupo escolar do Piauí, o Grupo Escolar Miranda Osório, que foi idealizado pela elite e autoridades locais como um meio de alcançar novos rumos educacionais.

Revista Interdisciplinar

Este desejo e necessidade de ampliação e modernização das escolas piauienses por meio dos grupos escolares também estava presente nos discursos do então governador do Piauí em 1927, Mathias Olímpio de Melo:

No interior do Estado, só há, até agora, um grupo escolar: o Miranda Osório, em Parnahyba. [...] Deficientes demais, o número das escolas do interior não corresponde, de forma alguma, às necessidades, cada vez maiores. Precisamos fundar grupos escolares, ou crear escolas reunidas, nas principaes cidades piauihyenses, notadamente em Floriano, Amarante, União, Oeiras, Piracuruca, Pedro Segundo e Campo Maior, de populações já bastantes densas (Melo,1927, p.26).

Em 1928, conforme explica Lopes (2001), há um marco no processo de expansão do modelo grupo escolar com a criação de grupos escolares em diversas cidades do Piauí, principalmente as situadas na região norte. A cidade de União foi a segunda cidade do interior do Piauí, posterior a Parnaíba, a implantar um grupo escolar. O Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco foi criado pelo decreto nº 947, de 23 de janeiro de 1928, resultado da elevação das escolas reunidas que funcionavam no período.

Com a implantação do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, ocorreram várias mudanças na educação primária unionense, já que seria um novo modelo, com novos horários, novas normas, uma nova organização, que mudava o modo como alunos e professores estavam habituados a fazer. O grupo escolar passou a deixar as crianças mais tempo na escola, a ter acesso a mais professores em sua formação, que darão aula não mais para salas multisseriadas, mas para apenas uma, na qual ensinariam todos de uma só vez (Souza, 2004).

Conforme Souza (2004), muito além da mera mudança de organização da escola, da atuação do professor, da exigência do comportamento dos corpos estudantis, estava sendo proporcionado pelo governo brasileiro um tipo de escola que seria propícia para um melhor controle. Compreendemos que, além dessa vigilância, se evidencia também um meio de difundir ideais de civismo, patriotismo e ordem.

3- A ESCOLA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA”⁵

Considerando o processo de aprender mais sobre a sociedade em que está inserido, o indivíduo vai construindo sua identidade social e individual. Entretanto, para que isso ocorra, é

⁵ Conforme conceito utilizado por Nora (1993)

Revista Interdisciplinar

necessário que sua identidade seja resguardada e fortalecida em “lugares de memória”, pois, conforme Nora (1993), “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque essas operações não são naturais” (Nora, 1993, p.13). Dessa maneira, entendemos que as comemorações da escola constituíram um espaço da memória consubstanciadas também nas experiências do vivido.

A memória sobre as experiências vividas são fragmentos do que ocorreu no cotidiano, como Alexandre Santos e Cláudio Santos (2022) destacam:

Nesse sentido, todas as experiências vividas, de forma geral, trazem o indubitável fato de terem se produzido na estrutura da vida cotidiana. É exatamente a partir dessas experiências, realizadas no âmbito da relação com os aspectos mais gerais e, às vezes, mais singulares da generidade humana que as memórias são paulatinamente forjadas (Santos, Alexandre; Santos, Cláudio, 2022, p.8).

É por meio da memória, seja ela individual seja coletiva, que a identidade de um grupo, de uma sociedade e de uma nação é formada, como destaca Halbwachs (1990): “Só temos a capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupo e de nos situar novamente em uma ou mais corrente do pensamento coletivo” (Halbwachs, 1990, p. 36).

Compreendemos então o espaço escolar como um “lugar de memória” (Nora,1993) e criação de lembranças individuais e coletivas, assim também como um lugar em que a memória oficial, descrita por Halbwachs (1990), é fortemente difundida por meio dos discursos e ações nacionalistas. Neste mesmo sentido, Melo (2009) destaca a respeito da memória cívica piauiense no período de Getúlio Vargas:

[...]Dos alunos era exigida uma rígida disciplina, observada no bom comportamento verificado pela assiduidade, frequência, pontualidade, asseio, obediência, cumprimento dos deveres. Durante todo o governo de Vargas, fica claro o fortalecimento da memória nacional, entendendo-a como a memória oficial e, mais especificamente, as políticas educacionais ditadas pelo Estado Novo, destinando à educação o papel de construtora dessa nova mentalidade, voltada essencialmente para a constituição da nacionalidade, na defesa da ordem, da manutenção e da criação das tradições (Melo, 2009, p. 55).

Dessa maneira, durante o governo Vargas, foi forjado no espaço escolar o apreço pela memória oficial, para inculcar nos alunos tudo que fosse relacionado ao bem da Nação. E a escola

Revista Interdisciplinar

apresentou-se como o lugar ideal para a reprodução da memória nacional, seja através dos conteúdos estudados ou através das festas escolares.

4- AS FESTIVIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR

Dentro das instituições escolares, as festividades fazem parte da sua *cultura escolar*, pois conforme Cândido (2019, p. 232) “a escola forma a festa e é formada por ela, ao serem apropriadas pelas instituições de ensino, ganham contornos particulares capazes de indicar em ‘grande estilo’ o festivo, o lugar social ocupado pela escola e seus ensinamentos”. Entendemos as festividades escolares como eventos importantes que envolvem desde alunos, professores e diretores a autoridades e comunidade.

A partir da proclamação da República em 1889, o novo governo buscou alterar nomes e símbolos do país, adequando-os aos moldes do novo regime. Isso se deu porque os brasileiros em geral, o povo que supostamente deteria o poder e os rumos do regime, não participara do importante ocorrido, da mudança de cadeiras, e assistiram a tudo “bestializados”, conforme frisa José Murilo de Carvalho (2019):

Em frase que se tornou famosa, Aristides Lobo, o propagandista da República, manifestou seu desapontamento com a maneira pela qual foi proclamado o novo regime. Segundo ele, o povo, que pelo ideário republicano deveria ter sido protagonista dos acontecimentos, assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava, julgando ver talvez uma parada militar (Carvalho, 2019, p.5).

Diante disso, para fazer com que o povo absorvesse os acontecimentos de forma mais eficiente e se sentisse partícipe da nação, é criada um novo calendário de festas nacionais, que preencheria o espaço deixado pelas datas imperiais (Schwarcz; Starling, 2015). Desde então, os espaços escolares são eleitos como principais palcos para celebrar essas datas de forma mais eficiente e abrangente pois, como um “lugar de memória” (Nora,1993) e formação de pessoas, seriam ideais para aproximar a população à República e a educá-los nos moldes republicanos.

Durante a Era Vargas (1930-1945), a exigência do calendário de festividades e celebrações permaneceu, sendo oficializado determinadas datas. Anos depois foram acrescentadas outras, referentes ao próprio presidente Getúlio Dornelles Vargas e ao seu governo ditatorial – o Estado Novo. Estas celebrações tinham o objetivo de impelir uma nacionalização na sociedade brasileira, impondo tradições e respeito ao Estado, como explica Melo (2009), que também acrescenta:

A nacionalização da sociedade é um dos principais objetivos do governo de Getúlio Vargas, que deveria ser alcançado utilizando vários elementos ou argumentos que auxiliassem o Estado nesta consolidação, como a educação e a cultura, para o fortalecimento da memória nacional (Melo, 2009, p. 26).

As festas escolares possuem um caráter pedagógico que os governos souberam, e ainda hoje sabem, fazer bom uso. Segundo Cândido (2019, p.231), “[...] as ocasiões festivas, ao serem apropriadas pelas instituições de ensino, ganham contornos particulares capazes de indicar em ‘grande estilo’ o festivo, o lugar social ocupado pela escola e seus ensinamentos”. Sendo assim, as festividades, além de fazerem parte de uma cultura escolar, também se inserem numa rede de interesses republicanos de formação de cidadãos brasileiros patriotas.

A respeito das festas realizadas no âmbito escolar na sociedade brasileira, Cândido (2019) destaca três categorias internas de análise: as *festas cívicas* escolares, as *festas que comemoram as instituições de ensino* e suas etapas, as *festas da natureza*. Posteriormente frisa que outras categorias são criadas para dar conta das demais festas, como, por exemplo, as *homenagens*. Diante disso, as festividades do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco são abordadas nesses quatro tipos de categorias destacados anteriormente, demonstrando assim como ocorreram essas solenidades, o porquê delas e as suas peculiaridades, conforme o lugar social e recorte temporal adotado.

Observamos também essa mesma organização a partir de Cândido (2019) no trabalho intitulado *Festas Escolares nas páginas de Jornais Maranhenses (1942-1946)*, conforme segue: “Para melhor compreensão do texto, analisaremos as notícias a partir das categorias: festas cívicas escolares, festas que comemoram as instituições de ensino, festas da natureza e festas com homenagens (Ferreira e Sousa, 2024, p. 368). Tal estudo foi importante para organização e análise do nosso trabalho.

Conforme Vivan e Souza (2023), nos grupos escolares as festas cívicas ocuparam momentos marcantes na história dessas instituições, pois eram um importante meio de ensinar aos alunos e à comunidade os ideários republicanos. O civismo deveria ser perpetuado durante todo o ano conforme um calendário nacional de festas cívicas. A respeito disso, Cândido (2019) reitera:

A partir do momento em que o civismo, entendido como conteúdo fundamental para o processo de formação do cidadão comprometido com o progresso da sua pátria, se constitui como comportamento social relevante a ser ensinado, as escolas, como instituições representativas do Estado, são chamadas a cumprir essa obrigação; esse conteúdo e esse valor escolar passam a ser ministrados em diferentes momentos do currículo e também nas oportunidades festivas. Associado à formação do cidadão, o

ensino do cidadão, o ensino do civismo e da cidadania é concebido pelos educadores da época como a vertente educacional privilegiada para a concretização dos ideais políticos no sistema educacional (Cândido, 2019, p. 233-234).

Diante de todas essas obrigações com o ensino cívico das crianças, foi celebrado no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, em União (PI), inúmeras festas cívicas, conforme descrito no Livro de Registro Geral, sintetizado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Festas cívicas no Grupo Fenelon Castelo Branco.

Descrição da festa cívica	Anos dos registros da festividade
Dia do Trabalho/ Confraternização das classes operárias	1932;1961.
Dia da Pátria	1935; 1936; 1939; 1963
Dia da Bandeira	1937; 1939; 1941; 1942,1944; 1945
Aniversário do Estado Novo	1941; 1942; 1944
Data da República	1941

Fonte: Organizado pelas autoras com base no Livro de Registro Geral do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco (1928-1964).

Percebe-se que as festas cívicas que ocorreram no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco estavam de acordo com o calendário nacional, comumente adotado nas escolas. Entretanto, há algumas inconstâncias visíveis, às quais não se sabe se realmente não ocorreram festividades ou se houve falha de registros. De toda forma, havia uma ritualidade presente na instituição no decorrer dos anos, cumprindo com a obrigação imposta pelo Estado. Esta obrigação deveria ser cumprida de forma louvável, como pode ser percebido na escrita de Melo (2009) sobre a construção da memória cívica dos piauienses na época varguista:

Todas as crianças, jovens estudantes dos vários estabelecimentos, das escolas públicas e privadas, de todos os níveis de ensino e de professores eram convidados a participar das várias comemorações cívicas, um chamamento como uma lembrança da obrigação e da relação de fidelidade ao Estado, não esquecendo que todos tinham que participar e de não deixar de lembrar que o futuro do país lhes pertencia. Todos deveriam comparecer, criava-se a ilusão de um estado participativo, o calendário cívico constava de datas a serem festejadas e vivificadas para engrandecimento do pátria amada e do torrão natal, como o Dia da Árvore, o Dia do Pan-Americano, o Dia da Bandeira, o Dia da Raça, a Semana da Pátria e o 7 de setembro, da Proclamação da República (Melo, 2009, p.131).

A primeira festa cívica descrita nas atas escolares do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco é datada de 05/01/1932, quando o grupo ainda funcionava em prédio alugado. Tinha como motivo a *confraternização das classes operárias*, que era uma data bastante celebrada também por atos do então presidente Getúlio Vargas. O que também nos chama atenção na celebração deste dia,

Revista Interdisciplinar

assim como nas demais festas cívicas no grupo, é a presença, nos atos, de autoridades governamentais, juntamente com o corpo de aluno e docentes, conforme é descrito na página 3 do livro de registro geral:

Cumprindo o preceito legal, e a despeito da indiferença do meio, foi dignamente comemorado o dia consagrado a confraternização das classes operárias, com uma sessão cívica, às 9 horas, a que compareceram todas as professoras e alunos, o Sr. Prefeito Municipal, o Presidente do Conselho Popular Municipal de Instrução e diversos cavalheiros e senhoras. Após cantado, por todo o Grupo Escolar, o “Hino Nacional”, a Diretora abriu a sessão com uma alocação sobre a data em seus múltiplos detalhes. Sobre a mesa havia em exposição os trabalhos escolares de exercícios dos alunos sobre o feriado. A festa foi encerrada com outro hino – o da “Independência” – cantado igualmente por todos os alunos (Livro de Registro Geral do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, 1932-1964, p.3).

Na descrição deste dia é possível perceber como ocorria o ato cívico, iniciando e encerrando com entoações de hinos, a presença da diretora ou uma professora para explicar sobre o motivo histórico da celebração, e a contribuição dos alunos, que além de marcarem presença, apresentavam artes e trabalhos escolares produzidos para aquela exposição. Esses trabalhos, em sua maioria manuais, demonstravam que havia uma preparação prévia com os alunos sobre a temática da celebração, neste caso o trabalho.

Esses desfiles foram acontecimentos coletivos bastante especiais que demandavam uma certa organização, visto que foram visivelmente elaborados de acordo com as normas próprias a cada uma das datas cívicas. Deles participaram regularmente os alunos dos grupos escolares, distribuídos segundo uma determinada estrutura de produção e de consumo das festas, na qual eles ocupavam lugares distintos e específicos. Por estarem no âmago do calendário escolar, os desfiles não se revelavam como uma mera descontinuidade do tempo da escola, mas eram intercalados por ele, tornando necessário reunir o empenho e os sentimentos de adesão de alunos e professores (Bencostta, 2006, p. 301).

O empenho de alunos e professores também evidencia o caráter pedagógico dessas festas cívicas, sendo visto como de grande importância para o departamento de instrução da época, a ponto de ser descrito na ata do dia 16/07/1935 que, em visita ao grupo, o Inspetor Técnico professor Felismino Freitas Weser “organizou um programa para as festas dos dias 6 e 7 de setembro próximo, em comemoração do dia da Pátria” (Livro de Registro Geral do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, 1932-1964, p.19). Observamos que as festas escolares também ocorreram em outros municípios do Piauí, como notamos no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, na cidade de Picos (PI);

Em Picos, essas comemorações aconteciam geralmente com a participação de um público assíduo como, por exemplo, os membros da comunidade em geral, os pais dos alunos, os dirigentes da cidade, os funcionários de órgãos públicos, os policiais. Era uma forma de exaltação ao governo ditatorial, mas também de entretenimento da cidade, pois se configurava como um dia de festa. Os palanques, espécie de pedestal para autoridades do lugar, eram geralmente ornamentados pelas professoras, que ensaiavam durante vários dias os pelotões de alunos em sua marcha simétrica. Além disso, os eventos promoviam um maior relacionamento entre a escola e a comunidade, sendo um momento de grande visibilidade da escola (Sousa, 2005, p.55).

Foi registrado que a celebração do dia da Pátria pelo Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, nos anos de 1935 e 1936, contou com desfiles cívicos pelas principais ruas da cidade de União (PI) durante a manhã e um festival de arte e arrecadação para a Caixa Escolar do grupo. Durante esses momentos, também se fazia presente todas as professoras, alunos, autoridades e parte da sociedade unionense, demonstrando assim a ligação da escola com a comunidade por meio também das festas cívicas. A festas cívicas, dessa maneira, educavam nos moldes republicanos tanto o corpo estudantil como também a comunidade a que assistia, como destaca Melo (2009):

A festa cívica tem uma função pedagógica, porque educa a população à civilidade, à estética e para as normas morais de comportamento, a festa tem, ainda, a capacidade de ser um acontecimento voltado para alegria e para diversão e muda o cotidiano da cidade e das pessoas, provocando uma suspensão da rotina em que a população não é somente espectadora ela também se sente parte da festa e, assim como os estudantes, também aprende lições ensinadas com as festas (Melo, 2009, p. 116).

O Dia da Bandeira foi, como descrito no quadro de dados dos registros, a celebração cívica mais constante no grupo no período estudado, conforme os registros escritos. Isso se deu pelo fato de que no grupo escolar Fenelon Castelo Branco, por diversas vezes, foi comemorado o Dia da Bandeira no mesmo dia da solenidade de encerramento do ano letivo, ocorrendo duas festas escolares em uma só ocasião, como é descrito no Livro de Registro Geral:

Cumprindo um dever de patriotismo comemoramos hoje neste Grupo Escolar a “Festa da Bandeira”. Aproveitamos o ensejo e fizemos com solenidade a entrega dos diplomas aos alunos concludentes do 4º ano do mesmo Grupo. Compareceram ao ato o Sr. Prefeito Municipal, todas as professoras e grande massa da sociedade unionense. (Livro de Registro Geral do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, 1932-1964, p. 37).

De acordo com os registros dos anos 1941, 1942 e 1944, outra data que passou a fazer parte do calendário cívico do grupo foi a do aniversário do Estado Novo, um governo instaurado no ano de 1937 por Getúlio Vargas e que vigorou politicamente até 1945. Esta solenidade de homenagem ao governo vigente na época era repleta de saudosismo, uma demonstração de

Revista Interdisciplinar

fidelidade, como é descrito na ata de 10/11/1942: “Foi entusiasticamente comemorado hoje, neste Grupo Escolar, o 5º aniversário do ‘Estado Novo’”. Para maior solenidade do ato, houve uma demonstração de Educação Física, dirigida pela professora Antônia da Silva Medeiros” (Livro de Registro Geral do Grupo Escolar Felon Castelo Branco, 1932-1964, p. 40).

Para além das festas cívicas aconteciam nos grupos escolares outras festividades como aquelas relacionadas à natureza, aquelas como homenagem a algum “herói nacional” ou as que celebravam o ensino das escolas. Ademais, as festas escolares do início e encerramento do ano letivo também fizeram parte das festas que comemoram a instituição, sendo a de encerramento a festividade não cívica mais registrada nos documentos do Grupo Escolar Felon Castelo Branco, conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro 2 – Festas que celebram a instituição.

Descrição da festividade	Anos dos registros da festividade
Início do Ano letivo	1933
Semana da Criança	1943
Encerramento do Ano letivo	1933; 1934; 1935; 1936; 1939; 1940; 1941; 1942; 1943; 1944; 1945; 1947; 1948; 1949; 1950; 1951; 1953; 1954; 1955; 1956; 1957; 1959; 1961; 1963.

Fonte: Organização das autoras com base no Livro de Registro Geral do G E Felon Castelo Branco (1932-1964).

Com o passar dos anos, essas festividades, em especial as de início e encerramento do ano letivo, passaram a ser as mais significativas de registros, sobretudo a partir de 1944; posteriormente, em outros anos, a solenidade de encerramento foi a única festa não cívica registrada, como é percebido na maioria dos registros após o ano de 1947. Sobre a importância das festas das instituições, Cândido (2019) descreve que “as festas de inauguração, aniversário, encerramento do ano letivo e formatura eram comemorações públicas com duas funções principais: dar visibilidade aos feitos políticos no âmbito educacional e confirmar a importância da escola entre pais, alunos e professores” (Cândido, 2019, p.242).

As solenidades de encerramento do ano letivo no Grupo Escolar Felon Castelo Branco também eram descritas como eventos em que autoridades, familiares de alunos e comunidade marcavam presença, pois era o festejar de mais um ano concluído e a entrega dos diplomas para os que estavam findando seus estudos do ensino primário no grupo, como é

Revista Interdisciplinar

descrito nas atas que descrevem o ato até o ano de 1946. A partir de 1947, já não é mais descrito a participação da comunidade e autoridades.

A respeito das festividades que envolvem a natureza, destacou-se nos registros a Festa da Árvore, que foi celebrada e registrada em onze anos, podendo ter ocorrido mais vezes. O quadro a seguir apresenta os anos que foram registrados o Dia da Árvore no grupo:

Quadro 3 – Festa do Dia da Árvore

Descrição da Festividade	Anos dos registros da festividade
Festa da Árvore	1932; 1933;1935;1936,1939;1941; 1944;1955;1961;1962;1963.

Fonte: Organização das autoras com base no Livro de Registro Geral do G E Fenelon Castelo Branco (1932-1964).

Pelo breve quadro, podemos analisar a constância da realização da festa do dia da árvore e apontá-la como uma das mais celebradas pela escola naquele momento. Ademais, a festa da árvore também era realizada em outros locais, como, por exemplo, no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, em Picos (PI). Neste caso, o ato configurava-se como uma aula de educação cívica ministrada pela professora ou diretora. Importante mencionar que, após esses discursos, as árvores eram plantadas pelas crianças com auxílio das professoras. Havia também o hino entoado enaltecendo o dia da árvore comemorado no dia 21 de setembro.

A Festa da árvore, no dia 21 setembro, e o Dia da bandeira, no dia 19 de novembro, eram festas realizadas pelos alunos em conjunto. O professor ou diretor deveria fazer um discurso sobre o ato, que equivalia a uma aula de educação cívica. Essa prática era regulamentada e deveria ocorrer em todos os grupos escolares do Estado (Sousa, 2005, p. 54).

O Dia da Árvore, celebrado no dia 21 de setembro, início da primavera, também possuía um caráter pedagógico, conforme Cândido (2019), pois devia gerar nas crianças o apreço e o cuidado com a natureza para o bem de todos e da nação. Sendo assim, era uma celebração muito importante no calendário escolar, conforme as prescrições do Departamento de Ensino do estado, levando as diretoras a, sempre que possível, informar a realização da festa, que contava com vários momentos simbólicos, como pode ser percebido: “Foi comemorado hoje, neste grupo, o “Dia da Árvore”, tendo sido plantado uma árvore na Praça Presidente Getúlio Vargas. Em seguida falou sobre a data a aluna Hilza Boavista, e recitaram diversos alunos, sonetos e poesias, alusivos às plantas” (Livro de Registro Geral do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco 1932-1964, p. 34).

Revista Interdisciplinar

A celebração da árvore como um símbolo importante era carregada de representações. De acordo com Cândido (2019), “almejava-se incutir nas crianças o amor à natureza, representativa do conceito de pátria e república. Ensinar o respeito à natureza, segundo os educadores da época, tinha o mesmo significado de disseminar o patriotismo entre a população” (Cândido, 2019, p.246).

Uma peculiaridade desta festa no grupo Escolar Fenelon Castelo Branco é o fato de o grupo estar localizado em frente a uma praça, a Praça Getúlio Vargas; sendo assim, em alguns anos, eram plantadas mudas de árvores no pátio escolar e em outros anos na praça. Além disso, nessa festividade os alunos proclamavam hinos e poesias em homenagem às árvores e, após esse momento, também era comum a realização de jogos escolares e de distribuição de lanches para os alunos.

Além das três categorias internas principais de festividades escolares que Cândido (2019) apresenta – festas cívicas, festas que comemoram as instituições de ensino e festas da natureza, a autora também destaca outra categoria denominada homenagens, que corresponde principalmente a celebrações de grandes heróis da história brasileira e autoridades em geral. Sobre o Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco é mencionado uma festa de homenagem ao aniversário do presidente Getúlio Vargas, como é apresentado no quadro:

Quadro 4: Festa de homenagem.

Descrição da festividade	Anos dos registros da festividade
Festa de homenagem a Getúlio Vargas	1943

Fonte: Organização das autoras com base no Livro de Registro Geral do G E Fenelon Castelo Branco (1932-1964).

A festividade, conforme descrição da ata de 19 de abril de 1943, é regada de elogios à figura do então presidente Getúlio Dornelles Vargas, “tendo havido preleções pelas professoras, sobre a personalidade do ilustre aniversariante Presidente Vargas” (Livro de Registro Geral do Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, 1932-1964, p.41).

O investimento em torno da imagem de Vargas foi responsável por inserir a data do seu aniversário no calendário de comemorações cívicas como instrumento de convencimento, o que levou alunos a trocarem os bancos das escolas pelos desfiles nas ruas do país em homenagem ao senhor Vargas (Bencostta, 2006, p. 303).

A festa em homenagem ao então Chefe da Nação, que já acontecia na capital Teresina e em outros municípios, é realizada também em União (PI), seguindo as recomendações de estado

Revista Interdisciplinar

de fazê-la com brilhantismo, também confirmando o sentimento que tomava conta de todo país em torno do aniversário do presidente, o de que, “apesar de exercer um poder quase que absoluto do estado, seria um benfeitor da nação” (Bencostta, 2006, p. 303). Havia uma verdadeira reverência à figura personalista do presidente, que através do evento do seu aniversário afirmava o seu poder e aclamação diante da sua figura na comunidade escolar.

Imaginamos os alunos perfilados com seus uniformes pela cidade, numa demonstração de reverência em um espaço repleto de significados e representações. As festas movimentavam tanto a cidade quanto a escola, fortalecendo a relação entre ambas. A multidão que acompanhava, as roupas, os penteados, as performances dos desfiles, a imprensa e os espectadores compunham um cenário vibrante. Compartilhamos do sentimento abaixo, que nos trouxe reflexões sobre esses eventos:

Transportamo-nos no tempo e imaginamos as pessoas aguardando ansiosamente aquele momento, na confecção das roupas, nos penteados dos cabelos, na arrumação do palanque e das bandas de música, nas poses para os fotógrafos. É um universo para ser ampliado em estudos posteriores. Não podemos deixar de mencionar os interesses também que estavam por trás em realizar alguma delas, política e ideologicamente (Ferreira e Sousa, 2024, p. 380).

Importante refletir que tais momentos ficaram marcados na memória coletiva, mas é preciso mencionar, pesquisar e apontar que também havia um sentido político e ideológico que movia as festas escolares no período estudado.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, percebe-se que os grupos escolares foram modelos de escola que foram idealizados para formar o cidadão republicano, que por sua vez deveria respeitar e aprender os bons costumes, receber uma boa educação e desenvolver o seu amor pela Pátria. As festividades escolares, como as festas cívicas ou de homenagens, deveriam fazer parte do calendário educacional de todas as escolas do país, sobretudo no calendário do grupo escolar.

No período de 1932 a 1963, ocorreram no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco diversas festividades escolares, tanto festas cívicas como festas mais voltadas a celebrar a instituição, a natureza ou as “grandes personalidades”, o que evidencia uma frequência de celebrações que tinham objetivos claros de propagar os ideais republicanos. Outrossim, foi visto

Revista Interdisciplinar

que, além das crianças do ensino primário, o alvo pedagógico das festas escolares também se expandia à comunidade que apreciava e participava das solenidades e atos.

Foi possível compreender que cada uma das festas escolares possuía objetivos específicos, como criar símbolos da pátria como a árvore e aumentar a popularidade de um regime, como visto na celebração do aniversário do Estado Novo. Todavia, todas as festas tinham um objetivo central de inculcar em alunos, professores e comunidade a fidelidade à Pátria por meio das várias datas que a celebrava de diversificadas maneiras.

Observando a frequência das datas comemorativas registradas no Livros de Registro Geral do grupo, foi percebido que a maioria das festas escolares ocorreram entre os anos de 1932 a 1945, o que nos leva a entender que, durante os governos de Getúlio Vargas, as festividades tinham um lugar de destaque na política educacional.

A partir deste estudo, com a compreensão dos significados destas festividades para o espaço e comunidade escolar da instituição em destaque, espera-se que o mesmo contribua para o desenvolvimento de futuras pesquisas sobre grupos escolares e das festividades escolares em diversos espaços, impulsionando assim investigações no campo da história da educação brasileira e piauiense.

REFERÊNCIAS

BENCOSTTA, Marcos Levy Albino. Desfiles patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, Diana Gonçalves. **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas (SP): Mercado das letras, 2006.

BIBLIOTECA Nacional Digital Brasil. Mensagem lida a 1 de junho de 1927 pelo Exmo. Governador Dr. Mathias Olympio de Mello. In: **Mensagens do Governador do Piauí para Assembleia** (PI) – 1890 a 1930. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=873233&pesq=Uni%C3%A3o&pagfi s=1499>>. Acessado em: 03 de janeiro de 2024.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. O que a escola festeja? Uma retomada histórica sobre os tipos e sentidos das festas escolares. In CATANI, D.; JÚNIOR, D. (org.). **O que a escola faz? Elementos para a compreensão da vida escolar**. Uberlândia: EDUFU, 2019.

Revista Interdisciplinar

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: O Rio de Janeiro e a República. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FERREIRA, Hellen da Silva Carneiro. SOUSA, Jane Bezerra de. As festas escolares nas páginas de jornais maranhenses (1942-1946). In: SEGADILHA, Delcineide Maria Ferreira, MOTTA, Diomar das Graças. NUNES, Iran de Maria Leitão. **História da Educação**: Múltiplos olhares. São Luís: Edufma, 2024.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **Superando a pedagogia sertaneja: grupo escolar, escola normal e modernização da escola primária pública piauiense** (1908-1930). Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Ceará, 2001.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista-SP: Editora Universitária São Francisco-EDUSF, 2004.

MELO, Salânia Maria Barbosa. **A construção da memória cívica**: as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí (1930-1935). 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

NORA, Pierre. **Entre Memória e história**: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n.10, São Paulo, dez., 1993. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em: 22 jun.2024.

SANTOS, Alexandre de Jesus; SANTOS, Cláudio Eduardo Félix dos. MEMÓRIA, IMITAÇÃO E ASSIMILAÇÃO NA VIDA COTIDIANA. **Cadernos Cajuína**, v.7, n.2, e227229, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.52641/cadcajv7i2.26>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar**: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual. 2005. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/ppged/arquivos/files/dissertacao/2005/picos_e_consolidacao_janeb.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2024>.

SOUZA, Rosa F. de. **Lições da escola primária**. In: SAVIANI, Demerval; ALMEIDA, Jane Soares de; Souza, Rosa Fátima de. O legado educacional do Século XX no Brasil. Autores Associados, 2004, p 109-161.



Revista Interdisciplinar

VIVAN, Wesley; SOUZA, José Edimar de. GRUPO ESCOLAR ONZE DE AGOSTO, NOVA PRATA, RS: As festividades escolares. In: SOUZA, J. E. (org.). **Escola Primária no Rio Grande do Sul no Século XX: Os Grupos Escolares**. Curitiba – PR: Editora CRV, 2023, p. 119-132.

ZANATTA, Fernanda Rodrigues; LUCHESE, Terciane Ângela. RITUAIS ESCOLARES NA ESTAÇÃO BARÃO, RS: horas cívicas do grupo escolar professora Maria Edith Selbach (1937-1944). In: SOUZA, J. E. (org.). **Escola Primária no Rio Grande do Sul no Século XX: Os Grupos Escolares**. Curitiba – PR: Editora CRV, 2023, p. 151-163.

Fontes consultadas no acervo do Centro de Ensino em Tempo Integral Felton Castelo Branco.

LIVRO de Registro Geral do Grupo Escolar Felton Castelo Branco (1932-1964).

